

**COMPOSIÇÃO ARBÓREA DA FLORESTA ATLÂNTICA: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA PARA O ESTADO DE PERNAMBUCO**

**TREE COMPOSITION OF THE ATLANTIC FOREST: A SYSTEMATIC REVIEW
FOR THE STATE OF PERNAMBUCO**

Yasmim do Nascimento Sousa

yasmim.d.n.sousa@gmail.com

Carlos Eduardo Menezes da Silva

carlosmenezes@recife.ifpe.edu.br

Ailza Maria de Lima

ailzamlima@gmail.com

Elba Maria Nogueira Ferraz Ramos

elbaferaz@recife.ifpe.edu.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre a composição florística em fragmentos de Floresta Ombrófila no estado de Pernambuco, com foco na flora arbórea. Foram analisados estudos publicados em sete municípios, utilizando o método PRISMA como critério de inclusão e seleção. A análise revelou a ocorrência de 284 espécies distribuídas em 55 famílias botânicas, com destaque para Fabaceae, Myrtaceae, Bignoniaceae e Sapindaceae. Dentre as espécies registradas, identificaram-se tanto espécies exóticas quanto endêmicas do Brasil, como *Artocarpus heterophyllus* Lam. (exótica) e *Paubrasilia echinata* (pau-brasil, endêmica). A análise da síndrome de dispersão indicou a predominância de espécies zoocóricas (58,5%), enquanto em relação à categoria ecológica, as espécies secundárias iniciais foram mais representativas (33%), embora uma expressiva parcela (24,6%) não apresentasse classificação. Os resultados ressaltam a importância da conservação e monitoramento dos fragmentos florestais, bem como a necessidade de estudos complementares para preencher lacunas no conhecimento sobre a ecologia e dinâmica da flora arbórea no estado.

Palavras-chave: Biodiversidade; Floresta Ombrófila; Composição florística;

ABSTRACT

This study aimed to conduct a systematic review of the floristic composition in fragments of Ombrophilous Forest in the state of Pernambuco, focusing on arboreal and regenerating flora. Studies published in seven municipalities were analyzed, using the PRISMA method as the inclusion and selection criterion. The analysis revealed the occurrence of 284 species distributed across 55 botanical families, with Fabaceae, Myrtaceae, Bignoniaceae, and Sapindaceae standing out. Among the

recorded species, both exotic and endemic species of Brazil were identified, such as *Artocarpus heterophyllus* Lam. (exotic) and *Paubrasilia echinata* (pau-brasil, endemic). The analysis of dispersal syndromes indicated a predominance of zoochoric species (58.5%), while regarding ecological categories, early secondary species were the most representative (33%), although a significant portion (24.6%) lacked classification. The results highlight the importance of conservation and monitoring of forest fragments, as well as the need for complementary studies to fill gaps in the knowledge about the ecology and dynamics of arboreal and regenerating flora in the state.

Keywords: Biodiversity. Ombrophilous Forest. Floristic Composition;

1 INTRODUÇÃO

Sendo estabelecida há cerca de 50 milhões de anos, a Mata Atlântica é considerada a formação florestal mais antiga do território brasileiro (Marques et al., 2016). Além disso, o bioma ocupa uma área correspondente a 13% do território brasileiro, distribuída ao longo de 15 estados, com uma área de ocorrência correspondente a 1.309.736 km² (IBGE, 2019).

Compreende, assim, um conjunto de florestas ombrófilas (caracterizadas por ocorrerem em áreas mais úmidas) e florestas estacionais (caracterizadas por apresentarem estações mais definidas de seca), associadas a ecossistemas pioneiros, bem como manguezais, restingas e brejos interioranos (Shaffer & Prochnow, 2002; Campanili e Prochnow, 2006; Brasil, 2008; Marques et al., 2016; SOS Mata Atlântica, 2024).

Essa variação de formações vegetais e ecossistemas proporciona uma rica biodiversidade a esse bioma (Shaffer & Prochnow, 2002; SOS Mata Atlântica, 2021b), com alto grau de endemismo (Shaffer & Prochnow, 2002; Campanili e Prochnow, 2006; SOS Mata Atlântica, 2021a).

Inicialmente, a degradação da Mata Atlântica foi estimulada pela implementação do ciclo econômico extrativista, que retirava de forma predatória espécies de interesse comercial, tais como o pau-brasil (Young, 2005). Posteriormente, foram introduzidos outros ciclos econômicos, a exemplo do ciclo do açúcar, em que a vegetação nativa foi sendo substituída para dar espaço à espécie exótica *Saccharum officinarum* (Dario & Vincenzo, 2002), e do ciclo da mineração, com a busca por jazidas de diamantes e ouro, que transformou vastas áreas de

remanescentes em regiões expostas e descaracterizadas (Schäffer & Prochnow, 2002; Freyre, 2004; Cardoso, 2016; Gonçalves, 2023).

Entretanto, com a chegada dos europeus e a implementação, ao longo dos anos, desses ciclos econômicos, o conjunto de florestas e ecossistemas associados deu início a um processo de degradação e fragmentação (Dean, 1996; Schäffer & Prochnow, 2002; Agroicone, 2021), o que resultou em uma redução drástica, restando, por fim, menos de 30% da área original (SOS Mata Atlântica, 2024).

Atualmente, as atividades antrópicas, como a agricultura e a urbanização, têm contribuído para a continuação desse processo de degradação, transformando os remanescentes de florestas em pequenas ilhas isoladas (Moura, 2006) distribuídas de forma desproporcional (SOS mata atlântica, 2021) e extremamente fragmentada (Senta; Viezzer, 2019).

Esse processo de fragmentação altera os processos biológicos, reduzindo a diversidade e afetando a continuidade das espécies presentes nesses remanescentes, como resultado do isolamento e do tamanho dos fragmentos (Rambaldi & Oliveira, 2003). O que favorece a introdução de espécies exóticas, que são espécies inseridas em regiões que não correspondem à sua ocorrência natural (Moro et al., 2012).

Entretanto, mesmo o bioma encontrando-se extremamente fragmentado, seus remanescentes abrigam uma alta biodiversidade. Segundo o sistema Flora e Funga do Brasil (2024), a Mata Atlântica abriga aproximadamente 15.197 espécies de árvores angiospermas, o que corresponde a 45,3% do total de 33.512 espécies registradas no Brasil, além de reunir 1.334 espécies de briófitas e 3.364 de fungos. Sendo considerado como um dos *hotspots* mundiais (Myers et al., 2000; Lino e Amaral, 2018; Taboada, 2022).

Portanto, segundo Almeida (2016) estudos relacionados a composição florística e fitossociológicos são importantes para atividades voltadas à restauração ambiental e para Araújo (2019), estudos relacionados à composição e diversidade florística são de suma importância para minimizar a situação desses remanescentes e garantir sucesso na recuperação das áreas degradadas.

Apesar do reconhecimento da importância da Mata Atlântica e dos estudos relacionados à composição florística das espécies arbóreas no bioma, ainda persistem lacunas significativas quanto ao conhecimento integrado da composição florística da Floresta Ombrófila no estado de Pernambuco, o que dificulta uma compreensão mais ampla da flora arbórea no estado. Além disso, informações sobre aspectos como categorias ecológicas, síndromes de dispersão e presença de espécies exóticas permitem identificar o status de conservação dos remanescentes florestais.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura, com foco na análise da composição arbórea em fragmentos de remanescentes da Floresta Ombrófila no estado de Pernambuco. A pesquisa foi desenvolvida com o intuito de responder às seguintes perguntas: Quais são as espécies identificadas nos estudos relacionados à composição arbórea realizados em fragmentos de Floresta Ombrófila no estado de Pernambuco? Quais são as síndromes de dispersão e categoria ecológica associadas às espécies identificadas? e quais dessas espécies são exóticas?

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa enquadra-se em uma revisão sistemática de literatura, que utiliza como base o método Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), que, segundo Page et al. (2024), constitui-se de um checklist com 27 itens e um fluxograma dividido em quatro etapas: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão.

2.1 Coleta e análise dos dados bibliográficos

A pesquisa dos trabalhos ocorreu por meio das bases de dados eletrônicas Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações, sendo conduzido nos meses de dezembro de 2024 e janeiro de 2025. Nas bases de dados foram utilizadas quatro palavras-chaves, sendo elas: *Fitossociologia*; *Florística*; *Mata Atlântica* e *Pernambuco*, juntamente com o operador booleano *AND* (Tabela 1).

Tabela 1 – Classificação das Espécies com Base na Origem

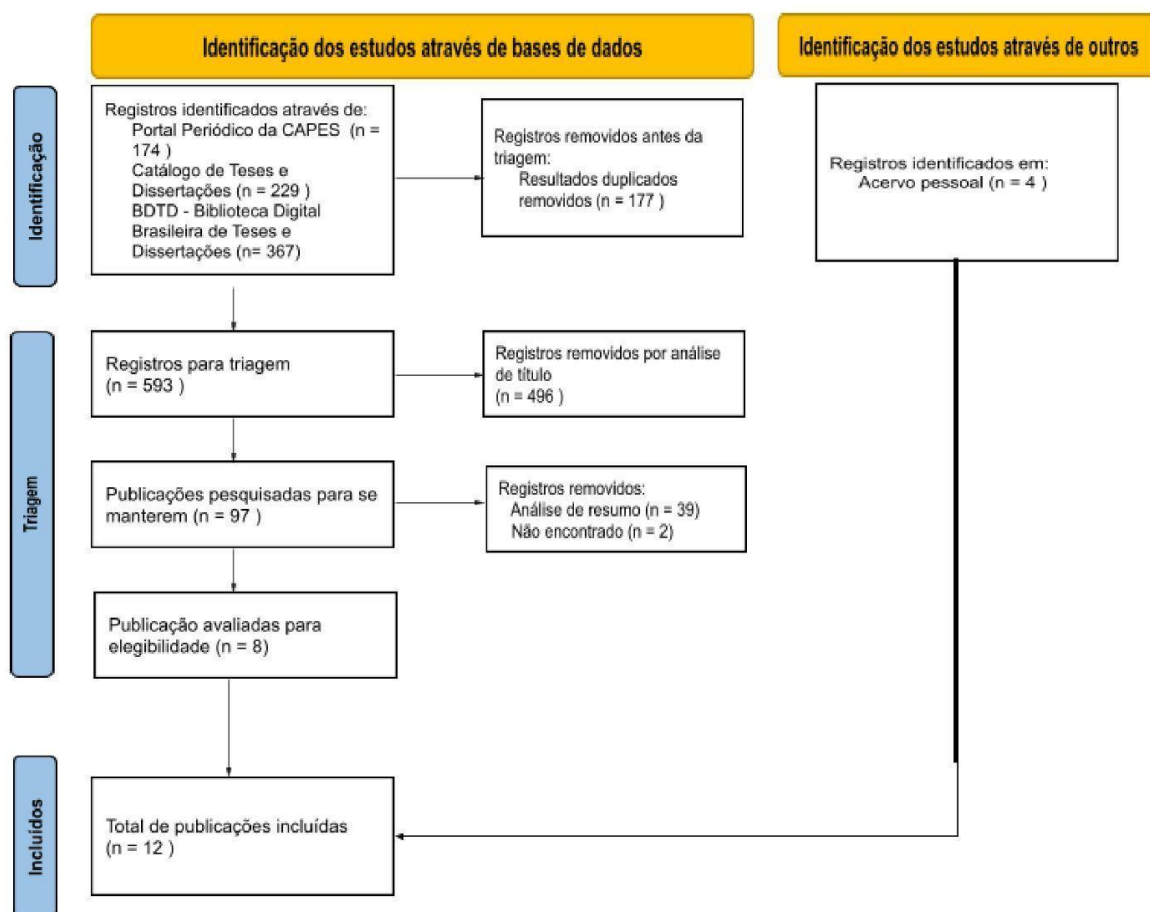
Estratégia de busca	Portal de Periódicos CAPES	Catálogo de Teses e Dissertações	BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
"Fitossociologia" AND "Mata Atlântica"	5	26	49
"Mata Atlântica" AND "Pernambuco"	62	103	140
"Florística" AND "Mata Atlântica"	41	61	117
"Florística" AND "Pernambuco"	52	24	37
"Fitossociologia" AND "Pernambuco"	14	15	24
Total	174	229	367

Fonte: Autor, 2025

Para os resultados, foram considerados materiais no formato de artigos, teses e dissertações publicados entre os anos de 2019 e 2025, totalizando em 770 trabalhos. No banco de dados Portal de Periódicos da CAPES não foram incluídos filtros relacionados a revisão por pares, idioma e/ou acesso aberto.

Durante o processo de seleção dos trabalhos para a construção do banco de dados (Figura 1), foi seguido as seguintes etapas de eliminação: 1) Identificação e exclusão de materiais duplicados através da planilha Google, o que totalizou em 152 trabalhos eliminados; 2) leitura de título e eliminação de trabalhos que não correspondia à pesquisas desenvolvidas no estado de Pernambuco e ao bioma mata atlântica ou de natureza relacionada a diversidades taxonômica, resultando em 564 trabalhos eliminados; 3) leitura de resumo e leitura da área de estudo. Eliminando 42 trabalhos, sendo usado como forma de selecionar apenas trabalhos no estado de Pernambuco em remanescentes de mata atlântica caracterizados como floresta ombrófila.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA para seleção de trabalhos publicados



Fonte: Autor, 2025

A Tabela 2 apresenta os estudos selecionados para compor esta revisão sistemática, contendo informações como título, autor(es) e ano de publicação. Por fim, foram selecionados 8 trabalhos provenientes da revisão sistemática e 4 do acervo pessoal do autor (anexo 1), correspondente a estudos anteriores. Totalizando em 12 trabalhos selecionados para a construção do banco de dados (tabela x), sendo eles: A. Almeida (2021); D. Almeida (2021); Cola et al. (2019) Cola et al. (2020); Pimentel (2021); Rodrigues (2019); Silva e Moura (2021); Silva et al. (2019); Silva (2021); Silva (2022); Silva (2022b) e Sobrinho (2019).

Tabela 2 – Trabalhos Científicos Selecionados na Revisão Sistemática

Título	Autor	Ano de publicação
A heterogeneidade de habitat e sua influência nas diversidades taxonômica, funcional e filogenética em área de floresta ombrófila em Pernambuco	Anália Carmem Silva De Almeida	2021
Atributos do solo como indicadores da distribuição de espécies florestais	Débora De Melo Almeida	2021
Fitossociologia e síndrome de dispersão em um trecho de floresta atlântica, em Paulista – PE	Raquel Elvira Cola, Sthéfany Carolina De Melo Nobre, Débora Dos Santos Farias, Lucas Galdino Da Silva, Andréa De Vasconcelos Freitas Pinto, Carlos Frederico Lins E Silva Brandão	2019
Estrutura fitossociológica com grupos ecológicos do componente arbóreo adulto em um fragmento de floresta ombrófila densa do estado de Pernambuco.	Raquel Elvira Cola, Mariana Da Silva Leal,	2020
Análise espaço-temporal da relação restauração florestal e paisagem local	Diogo José Oliveira Pimentel	2021
A diversidade arbórea em uma paisagem florestal urbana: efeitos dos estágios sucessionais e de perturbações antrópicas crônicas	Lúcia Dos Santos Rodrigues	2019
Análise da vegetação de um remanescente de Floresta Atlântica: subsídios para o projeto paisagístico	Joelmir Marques Da Silva E Célio Henrique Rocha Moura	2021
Diversidade de espécies arbóreas regenerantes em fragmento de floresta atlântica de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco	Nelio Domingos Da Silva; Luiz Carlos Marangon; Ana Lícia Patriota Feliciano Marangon E José Antônio Aleixo Da Silva	2019
Indicadores ecológicos e edáficos na avaliação de áreas ciliares em processo de restauração florestal	Marília Isabelle Oliveira Da Silva	2021
Caracterização estrutural da vegetação de três fragmentos florestais expostos a diferentes perturbações antrópicas crônicas	Ícaro Queiroz Rosa Da Silva	2022
Traços funcionais de ambientes ciliar e não ciliar em mata Atlântica	Lucas Benedito Da Silva	2022
Processos ecológicos em áreas de restauração florestal na Zona da Mata Sul de Pernambuco	Lucidalva Ferreira Sobrinho	2019

Fonte: Autor, 2025

2.2 Classificação das síndromes de dispersão e das espécies arbóreas

Para a classificação da síndrome de dispersão dos diásporos e dos grupos ecológicos, foram utilizados os dados disponíveis nos trabalhos selecionados, complementados por estudos secundários. As síndromes de dispersão foram agrupadas em três categorias principais: anemocóricas (Ane), dispersas pelo vento; autocóricas (Aut), dispersas por mecanismos próprios da planta; e zoocóricas (Zoo), dispersas por animais.

Para a classificação das espécies arbóreas em grupos ecológicos, foram considerados os critérios de colonização e tolerância à sombra descritos nos

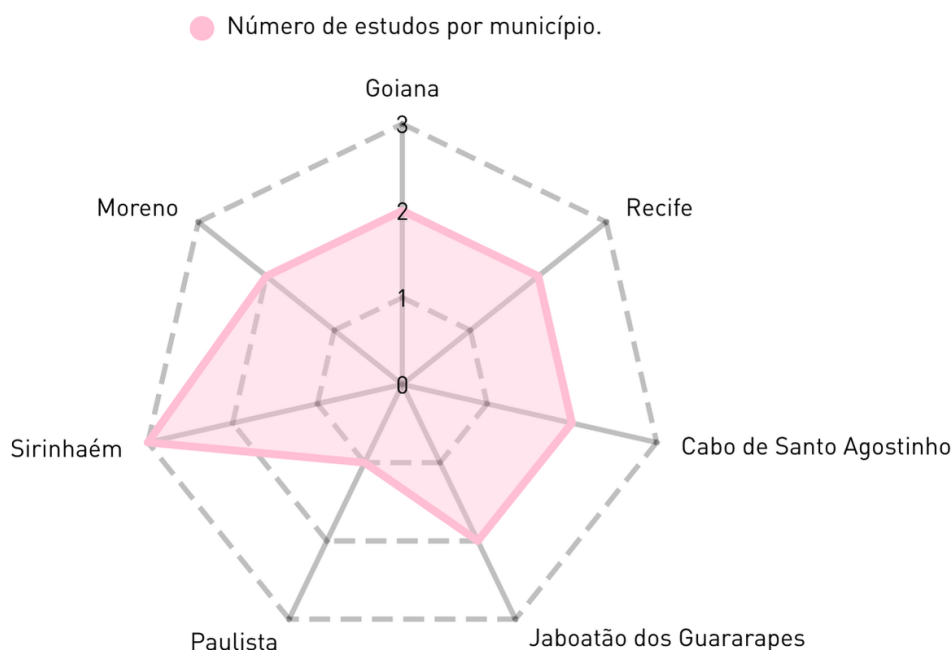
estudos selecionados. A classificação adotada agrupou as espécies em três principais categorias: pioneiras, secundárias iniciais e secundárias tardias. As espécies pioneiras são aquelas que se desenvolvem em ambientes abertos, com alta luminosidade, apresentando rápido crescimento e baixa longevidade. As secundárias iniciais foram consideradas como espécies moderadamente tolerantes à sombra, enquanto as secundárias tardias são altamente tolerantes à sombra, de crescimento mais lento e geralmente associadas a florestas em estágios mais avançados de sucessão. Para as espécies que não apresentavam informações sobre sua categoria ecológica, foi adotada a sigla SC (sem categorização). Para complementar a construção do banco de dados, também foram utilizados estudos como os de Barbosa et al. (2017), Boldarini (2023), Carvalho (2003), Carvalho (2010), Carvalho (2014), Constantine (2016), Cordeiro et al. (2020), Ferraz et al. (2023), Naves (2013), Paula e Soares (2010), Pereira (2012), Romano (2023).

3 RESULTADOS

3.1 Análise bibliométrica

A análise bibliométrica desenvolvida com os doze estudos selecionados revelou informações relevantes sobre a distribuição geográfica, as instituições envolvidas e a evolução temporal da produção científica. Em relação à distribuição geográfica (Figura 2), os estudos foram realizados em sete municípios, sendo eles: Cabo de Santo Agostinho, Goiana, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Paulista, Recife e Sirinhaém. Dentre esses, o município de Sirinhaém foi o mais citado, com citação em três trabalhos selecionados, enquanto os demais municípios foram mencionados entre dois a uma vez.

Figura 2: Número de Citações de Municípios nos Estudos Seleccionados.

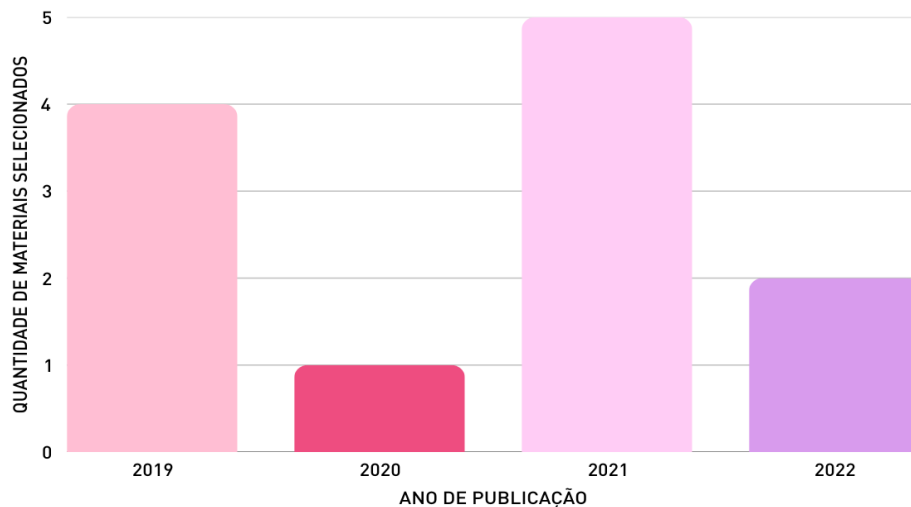


Fonte: Autor, 2025

A análise das instituições envolvidas nos doze artigos seleccionados revelou a contribuição de diferentes entidades acadêmicas. A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) foi a mais representativa, com participação em oito trabalhos, seguida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), com dois trabalhos, e pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), também com dois trabalhos. Já a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade de São Paulo (USP) participaram com um trabalho cada. Esses dados evidenciam o protagonismo das instituições da região Nordeste, especialmente de Pernambuco, no desenvolvimento de estudos voltados à caracterização florística e regeneração natural em ambientes florestais. Essas informações foram obtidas a partir da análise dos artigos seleccionados nesta revisão, conforme listados no Anexo 1.

Em relação ao ano de publicação (Figura 3), os trabalhos seleccionados apresentaram uma predominância em 2021, com cinco artigos, seguido por 2019, com quatro artigos, e por 2022, com dois trabalhos seleccionados. No ano de 2020 apresentou apenas um artigo.

Figura 3: Ano de publicação de artigos selecionados.



Fonte: Autor, 2025

No mesmo sentido, dos doze trabalhos selecionados, em relação às informações sobre a composição arbórea coletadas (Tabela 2), observou-se que a síndrome de dispersão foi mencionada em cinco estudos, enquanto a categoria ecológica foi abordada em oito. Já em relação a origem dessas espécies, dos onze trabalhos selecionados, seis apresentam informações referentes a origem dessas espécies.

Tabela 2 – Informações disponíveis em artigos selecionados

Autor	Origem	Síndrome de Dispersão	Categoria Ecológica
Almeida, 2021	-	-	-
Almeida, 2021b	X	X	X
Cola et al., 2019	-	-	-
Cola et al., 2020	-	-	X
Pimentel, 2021	-	X	X
Rodrigues, 2019	X	-	-
Silva e Moura, 2021	X	-	X
Silva et al., 2019	X	-	-
Silva, 2021	X	X	X
Silva, 2022	-	X	X
Silva, 2022b	-	-	X
Sobrinho, 2019	X	X	X

Fonte: Autor, 2025

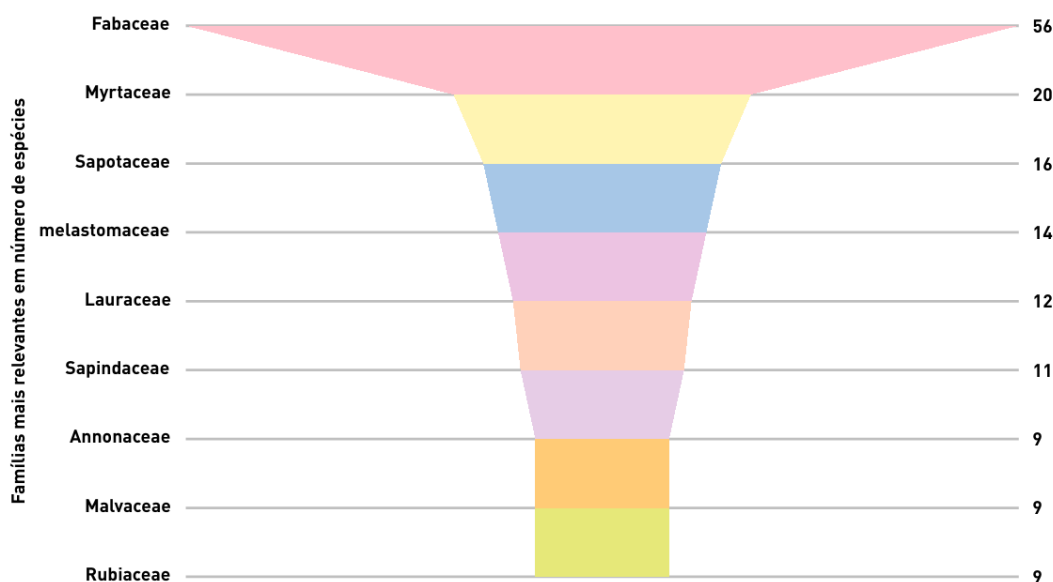
3.2 Levantamento florístico

A primeira questão desta Revisão Sistemática de Literatura foi saber quantas espécies haviam sido identificadas nos trabalhos selecionados. A análise do trabalho mostrou que foram identificadas 284 espécies arbóreas (Anexo 2), distribuídas em 55 famílias botânicas.

As nove famílias mais relevantes em número de espécies (Figura 3) foram Fabaceae (56), seguida de Myrtaceae (20), Sapotaceae (16), Melastomataceae (14), Lauraceae (12), Sapindaceae (11), Annonaceae (9), Malvaceae (9) e Rubiaceae (9). As famílias restantes apresentaram valores entre uma e oito espécies. Ademais, a predominância da família Fabaceae, com sua riqueza de espécies representa valor correspondente a quase 20% das espécies totais.

Em relação aos gêneros botânicos, o mais notável em número de espécies foi *Inga* com 12 espécies, seguido por *Ocotea* (11), *Miconia* (11), *Pouteria* (9), *Myrcia* (8), *Eugenia* (6), *Cupania* (4), *Cordia* (4), *Erythroxylum* (4) e *Talisia* (4). Os demais gêneros apresentaram números de uma a três espécies.

Figura 4: Famílias mais relevantes em número de espécies.



Fonte: Autor, 2025

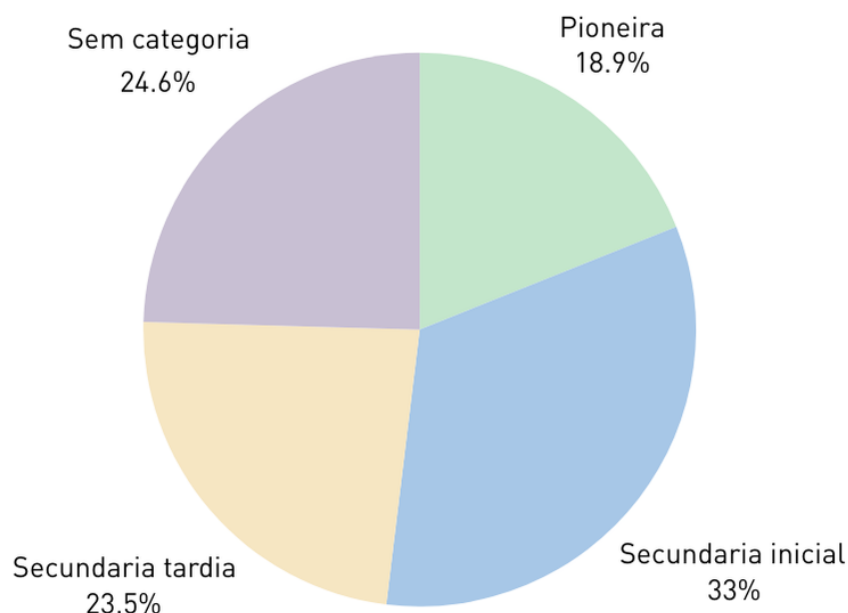
Considerando um dos objetivos do presente trabalho, que consiste em identificar as espécies exóticas presentes nos fragmentos de Floresta Ombrófila do

estado de Pernambuco, a análise evidenciou 10 espécies, correspondendo a 3,5% da composição florística, distribuídas em seis famílias botânicas. Sendo elas: Anacardiaceae, Bignoniaceae, Combretaceae, Fabaceae, Moraceae e Myrtaceae. Sendo elas: *Mangifera indica* L. (Mangueira); *Tabebuia rosea* (Bertol.) DC.; *Terminalia catappa* L.; *Acacia mangium* L.; *Adenanthera pavonina* L.; *Chamaecrista apoucouita* (Aubl.) H.S.Irwin & Barneby; *Samanea saman* (Jacq.) Merr.; *Artocarpus heterophyllus* Lam. (Jaqueira); *Psidium guajava* L. (Goiabeira) e *Syzygium cumini* (L.) Skeels (Jambolão ou Azeitona-preta).

3.3 Grupo ecológico

A segunda questão desta Revisão Sistemática de Literatura foi identificar a categoria ecológica das espécies arbóreas registradas nos estudos selecionados (Gráfico 1). A análise realizada evidenciou uma predominância de espécies secundárias iniciais, correspondendo a 33% das espécies identificadas, seguidas pelas sem categorias, com 24,6%, secundárias tardias, com 23,5%, e, por fim, pioneiras, com 18,9%.

Gráfico 1 – Porcentagem da categoria ecológica das espécies selecionadas.



Fonte: Autor, 2025

Das 284 espécies identificadas, 54 são classificadas como pioneiras, a exemplo de *Anacardium occidentale* L.; *Tapirira guianensis* Aubl.; *Annona salzmännii*

A.DC.; *Cordia superba* Cham.; *Trema micrantha* (L.) Blume; *Monteverdia distichophylla* (Mart. ex Reissek) Biral; *Aparisthium cordatum* (A.Juss.) Baill.; *Mabea fistulifera* Mart.; *Abarema cochliacarpus* (Gomes) Barneby & J.W.Grimes; *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan; *Bowdichia virgilioides* Kunth; *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong; *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy; *Miconia albicans* (Sw.) Steud.; *Pourouma guianensis* Aubl.; *Cecropia pachystachya* Trécul e *Citharexylum myrianthum* Cham.

Já as espécies classificadas como secundárias iniciais totalizam 94 no conjunto de dados analisados, incluindo exemplares como *Thyrsodium spruceanum* Benth.; *Guatteria australis* A. St.-Hill; *Himatanthus phagedaenicus* (Mart.) Woodson; *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyerm. & Frodin; *Handroanthus cf. serratifolius* (Vahl) S.Grose; *Cordia sellowiana* Cham.; *Calophyllum brasiliense* Cambess.; *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch.; *Clusia nemorosa* G.Mey.; *Buchenavia tetraphylla* (Aubl.) R.A. Howard; *Swartzia pickelii* Killip e outras que compõem esse grupo funcional.

Ademais, as espécies secundárias tardias, totalizam um conjunto de 67 espécies, incluindo exemplares como *Myracrodruon urundeuva* Allemão; *Anaxagorea dolichocarpa* Sprague & Sandwith; *Aspidosperma spruceanum* Benth.; *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos; *Cordia bicolor* A. DC.; *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand; *Tovomita brevistaminea* Engl.; *Erythroxylum citrifolium* A. St.-Hil.; *Hevea brasiliensis* (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg.; *Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith; *Paubrasilia echinata* (Lam.) E. Gagnon, H.C. Lima & G.P.Lewis; *Clarisia racemosa* Ruiz & Pav. e outras que compõem esse grupo funcional.

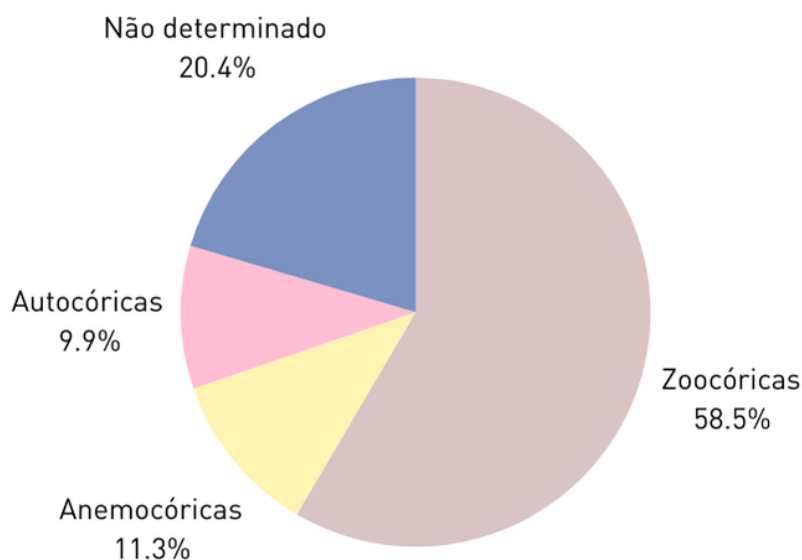
Para as espécies sem categoria, totalizam um conjunto de 70 espécies, incluindo exemplares como *Cymbopetalum brasiliense* (Vell.) Benth.; *Ilex sapotifolia* Reissek; *Leptobalanus octandrus* (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Sothers & Prance; *Erythroxylum passerinum* Mart.; *Andira nitida* Mart.; *Inga cayennensis* Sagot; *Trischidium molle* (Benth.) H.E. Ireland; *Eschweilera apiculata* (Miers) A.C. Sm. e outras que compõem esse grupo funcional.

3.4 Síndrome de dispersão

A terceira questão deste trabalho foi identificar a síndrome de dispersão nas espécies arbóreas registradas nos estudos selecionados (gráfico 2). A análise revelou a predominância de espécies com síndrome de dispersão zoocórica, correspondendo a 58,5% das espécies. Além disso, as espécies com síndrome anemocórica representaram 11,3% das espécies selecionadas e as autocóricas, 9,9%. Vale salientar que das 284 espécies selecionadas, 20,4% não apresenta informações referentes à síndrome de dispersão, o que compõem 58 espécies. Essa lacuna de dados reflete uma limitação inerente à natureza da presente pesquisa, que se baseia exclusivamente em materiais secundários disponíveis na literatura científica.

Ademais, as famílias botânicas registradas, destaca-se a Bignoniaceae, cujas espécies identificadas nos estudos analisados apresentaram exclusivamente síndrome de dispersão anemocórica, ou seja, suas sementes são dispersas pelo vento. Além disso, entre as famílias com ocorrência de espécies autocóricas, destaca-se a Fabaceae, que responde por 15 das 28 espécies com essa forma de dispersão identificadas nos estudos analisados, o que corresponde 55,5% das espécies autocóricas.

Gráfico 2 – Porcentagem da síndrome de dispersão das espécies selecionadas.



Fonte: Autor, 2025

Dentre as espécies com dispersão zoocóricas totalizam 166 no conjunto de dados analisados, incluindo exemplares como *Inga edulis* Mart.; *Inga laurina* (Sw.) Willd.; *Swartzia pickelii* Killip; *Sacoglottis mattogrossensis* Malme; *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy; *Lacistema robustum* Schnizl.; *Ocotea glomerata* (Nees) Mez; *Miconia prasina* (Sw.) DC. e *Myrcia sylvatica* (G.Mey.) DC.

Já entre as espécies com dispersão anemocóricas apresenta um conjunto de 32 espécies, incluindo exemplares como *Myracrodruon urundeuva* Allemão; *Himatanthus bracteatus* (A. DC.) Woodson; *Handroanthus cf. serratifolius* (Vahl) S.Grose; *Tabebuia stenocalyx* Sprague & Stapf; *Caraipa densifolia* Mart.; *Acacia mangium* L.; *Machaerium acutifolium* Vogel e *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravenna.

4 DISCUSSÃO

O levantamento florístico desta pesquisa revelou uma composição relativamente restrita de espécies arbóreas, totalizando 284 espécies registradas, pertencentes a 50 famílias botânicas. A análise da categoria ecológica das espécies evidenciou a predominância de espécies secundárias iniciais (24,7%), seguidas por secundárias tardias (18,3%) e pioneiras (8,9%), além de uma parcela relevante de espécies sem classificação (24,6%), o que limita a compreensão mais precisa do estágio sucessional dos fragmentos. Quanto às síndromes de dispersão, observou-se a predominância de espécies zoocóricas (58,5%), seguidas por anemocóricas (11,3%) e autocóricas (9,9%), sendo que 20,4% das espécies não apresentavam dados sobre o tipo de dispersão. Esses padrões indicam que os remanescentes analisados podem estar em estágios intermediários de sucessão ecológica, com maior dependência da fauna para manutenção do ciclo reprodutivo das espécies. Entre as famílias botânicas, destaca-se a família Fabaceae como uma das mais relevantes em riqueza de espécies, com 52 espécies identificadas.

Em relação ao número de espécies na Mata Atlântica, um estudo desenvolvido por Zipparro et al. (2005), no município de Sete Barras, no Parque Estadual Intervales (PEI), Base Saibadela, estado de São Paulo, apresentou valores superiores aos encontrados neste trabalho, com 436 espécies coletadas, divididas em 74 monocotiledôneas e 362 eudicotiledôneas. Embora o número absoluto encontrado nesta pesquisa pareça expressivo, quando analisado sob a ótica da

diversidade estrutural da Floresta Ombrófila, observa-se uma baixa representatividade de espécies arbóreas, o que pode estar relacionado aos impactos da fragmentação florestal. Considerando que os dados analisados resultam de um compilado de estudos realizados em sete municípios ao longo do território pernambucano, seria esperado uma diversidade ainda maior dessas espécies. Essa limitação reforça a preocupação com os efeitos da degradação ambiental e do isolamento dos fragmentos florestais, que podem comprometer os processos ecológicos e a regeneração natural da vegetação. Além disso, estudos anteriores (Tabela 3), como os de Borém e Oliveira-Filho (2002), Celestino (2019), Guedes e Krupek (2016), Pinheiro et al. (2007) e Schneider e Rocha (2014), também apontam a família Fabaceae como uma das mais representativas em riqueza de espécies, corroborando os dados aqui apresentados.

A predominância de espécies secundárias iniciais e tardias pode estar relacionada ao fato de a floresta não estar em estágio inicial de regeneração. A baixa presença de espécies pioneiras reforça essa ideia, sugerindo que os fragmentos estudados já passaram por processos de regeneração anteriores. Nesse contexto, a presença significativa de espécies secundárias (tanto iniciais quanto tardias) pode indicar que essas áreas sofreram perturbações no passado e atualmente se encontram em transição para uma fase mais madura da sucessão ecológica. A análise de trabalhos que discutam o histórico de uso e ocupação do solo na região pode reforçar esse argumento, contribuindo para compreender melhor os padrões ecológicos encontrados. O segundo parágrafo da conclusão reforça esse entendimento, pois destaca que, mesmo com a abrangência territorial dos fragmentos, o número de espécies identificado ainda está abaixo do esperado, evidenciando a influência da fragmentação e da degradação.

Já em relação às espécies exóticas, destaca-se a espécie *Artocarpus heterophyllus* Lam., popularmente conhecida como jaqueira e de origem indiana (Silva, 2023). Essa espécie contribui significativamente para a modificação da riqueza e diversidade dos fragmentos de Mata Atlântica, uma vez que possui capacidade de interferir alelopaticamente nos processos de germinação e desenvolvimento inicial de outras espécies (Costalonga e Batitucci, 2020). Além disso, um estudo desenvolvido por Fabricante et al. (2012), no estado da Paraíba,

em um fragmento de Floresta Ombrófila Aberta com área de pouco mais de 50 ha, localizado no Centro de Ciências Agrárias, Campus II da UFPB, no município de Areia (06°58'1,9" S e 35°43'4,2" W, a 592 m de altitude média), registrou um total de 12.369 indivíduos distribuídos em 50 espécies. Desses, 11.955 pertenciam à espécie *Artocarpus heterophyllus*, indicando sua expressiva dominância na composição florística local. Esses dados evidenciam a importância de monitorar o papel dessas espécies exóticas, principalmente da jaqueira, devido ao seu potencial impacto na biodiversidade dos fragmentos.

Por fim, cabe destacar que uma das limitações encontradas neste estudo foi a ausência de classificação ecológica e dados de dispersão para uma parcela considerável das espécies registradas. Essa lacuna pode dificultar uma compreensão mais detalhada sobre os padrões de sucessão ecológica dos fragmentos analisados. Além disso, como os dados utilizados são oriundos de diferentes estudos realizados em municípios distintos, com métodos de coleta variados, isso pode influenciar a padronização e comparação direta entre os resultados. Ainda assim, os dados aqui apresentados contribuem para o entendimento da composição florística da Floresta Ombrófila no estado de Pernambuco e reforçam a importância de ações voltadas à conservação e ao manejo adequado desses remanescentes.

5 CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos, pode-se concluir que o presente estudo registrou a presença de 284 espécies distribuídas em 55 famílias, com destaque para com destaque para Fabaceae, Myrtaceae, Sapotaceae, Melastomataceae, Lauraceae, Sapindaceae, Annonaceae, Malvaceae e Rubiaceae. Dentre os gêneros mais representativos pela riqueza de espécies, destacaram-se *Inga*, *Ocotea*, *Miconia*, *Pouteria*, *Myrcia*, *Eugenia*, *Cupania*, *Cordia*, *Erythroxylum* e *Talisia*.

Os resultados evidenciam a predominância da síndrome de dispersão zoocórica (58,5%), indicando a forte dependência desses ecossistemas da fauna para a manutenção do ciclo reprodutivo das espécies. No entanto, uma limitação importante foi a ausência de dados sobre a síndrome de dispersão em 20,4% das espécies, o que evidencia a necessidade de mais estudos voltados à ecologia funcional das

espécies do bioma. Situação semelhante foi observada na classificação ecológica, com 24,6% das espécies sem definição quanto à categoria sucessional. Ainda assim, predominam as espécies secundárias iniciais (33%) e secundárias tardias (23,5%), sugerindo que os fragmentos analisados estão em processo de regeneração, mas já em estágios mais avançados da sucessão ecológica.

Além disso, foram identificadas 10 espécies exóticas, correspondendo a 3,5% da composição florística, embora numericamente pouco expressivas, essas espécies podem exercer impactos significativos na dinâmica ecológica dos fragmentos, influenciando processos como a competição por recursos, a sucessão ecológica e a regeneração natural da vegetação nativa. O que destaca a importância do monitoramento desses fragmentos, considerando os possíveis impactos dessas espécies na dinâmica ecológica local. Dentre elas, vale destacar a espécie *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira), devido ao seu alto potencial invasor e sua natureza alelopática.

Dessa forma, entende-se que, mesmo com limitações metodológicas e lacunas de informação, os dados apresentados contribuem para o conhecimento da biodiversidade da Mata Atlântica, especialmente no contexto dos remanescentes florestais do Nordeste. A compilação de informações, mesmo de fontes secundárias, é um passo importante para subsidiar políticas públicas e estratégias de conservação. A ampliação de estudos dessa natureza, com maior padronização e aprofundamento nas análises ecológicas, pode fortalecer ainda mais a compreensão sobre os processos ecológicos que estruturam os fragmentos florestais e orientar ações efetivas de manejo e restauração ecológica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. S. **A heterogeneidade de habitat e sua influência nas diversidades taxonômica, funcional e filogenética em área de floresta ombrófila em Pernambuco**. 2021, Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.
- ALMEIDA, D. M. **Atributos do solo como indicadores da distribuição de espécies florestais**. 2021, Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021b.
- AGROICONE, **Guia de agrofloresta na Mata Atlântica**: aprendizados e reflexões para produção de alimentos e conservação da biodiversidade. São Paulo: Agroicone, 2021.
- BARBOSA, L. M.; SHIRASUNA, R. T.; LIMA, F. C.; ORTIZ, P. R. T.; BARBOSA, K. C.; BARBOSA, T. C. **Lista de espécies indicadas para restauração Ecológica para diversas regiões do Estado de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Botânica, 2017. Disponível em: <https://repositorio.cetesb.sp.gov.br/items/3567ef2f-eb46-4fdf-83a5-fad25af2c2a7>
- BOLDARINI, F. R. **Caracterização fitossociológica e vegetacional de um fragmento florestal urbano de mata atlântica de interior - Paraná, Brasil**. 2023, Dissertação (Mestrado em Conservação e Manejo de Recursos Naturais) - Universidade estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR, 2023.
- BORÉM, R. A. T.; OLIVEIRA-FILHO, A. T. Fitossociologia do estrato arbóreo em uma topossequência alterada de Mata Atlântica, no município de Silva Jardim-Rj, Brasil. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v.26, n.6, p.727-742, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rarv/a/rTypV3gQCKG9xsRsZYL68pb/?format=pdf&lang=pt>
- BRASIL. Decreto nº 6.660, de 21 de novembro de 2008. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006, que dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6660.htm
- CAMPANILI, M.; PROCHNOW, M. **Mata Atlântica**: Uma rede pela floresta. Brasília: RMA, 2006.
- CARDOSO, J. T. **A Mata Atlântica e sua conservação**. Encontros Teológicos, Florianópolis, V.31, n. 3, p. 441-458, 2016.
- CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. v. 1, Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2003.
- CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. v. 4, Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2010.
- CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. v. 5, Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2014.

COSTALONGA, S.A.; BATITUCCI, M.C.P. Avaliação alelopática e fitoquímica de *Artocarpus heterophyllus* Lam e *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl., duas espécies invasoras presentes em unidades de conservação do Espírito Santo, Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.8, p. 56486-56505, 2020.

CORDEIRO, N. G.; PEREIRA, K. M. G.; BARBOSA, L. O.; CABACINHA, C. D. Síndrome de dispersão e fenologia de espécies do cerrado sensu stricto na região de Montes Claros no norte de Minas Gerais. In: OLIVEIRA, R. J. (Org.) **Engenharia Florestal: Desafios, Limites e Potencialidade**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 817-831. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43233>.

DARIO, F. R.; VINCENZO, M. C. V. Destruição da Mata Atlântica brasileira. **Revista Episteme**, Universidade técnica de Lisboa, Portugal, 2002.

DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: A história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Cg4JkHQfHgPbPhmz4KFdR8Q/?format=pdf&lang=pt>

FABRICANTE, J. R.; ARAÚJO, K. C. T.; ANDRADE, L. A.; FERREIRA, J. V. A. Invasão biológica de *Artocarpus heterophyllus* Lam. (Moraceae) em um fragmento de Mata Atlântica no Nordeste do Brasil: impactos sobre a fitodiversidade e os solos dos sítios invadidos. **Acta Botanica Brasilica**, 2012. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/abb/a/6dxB9SGYdpQtjcsjHgcxJTf/?format=pdf&lang=pt>

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 6 Jan 2024

FERRAZ, E. M. N.; CARMO, T. V. B.; GUERRA, T. N. F. ; RIBEIRO, E. M. S. Fragmentos de floresta atlântica afetados pelas perturbações antrópicas: diagnóstico e indicação de estratégias para conservação da flora lenhosa. in: XIV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 07 a 10 de Nov de 2023, Natal - RN, **Anais**. 2023.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

GONÇALVES, A. S. **O período colonial nos livros didáticos utilizados na região norte: a persistência da teoria dos ciclos econômicos (1997-2015)**. Revista de Iniciação à Docência, v. 8, n. 1, 2023.

GUEDES, J.; KRUEK, R. A. Florística e fitossociologia do componente arbóreo de um fragmento de floresta ombrófila densa do estado de São Paulo. **Acta Biológica Catarinense**, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Biomass e Sistema Costeiro-Marinho do Brasil**: compatível com a escala 1:250 000. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. v.45, 168 p. (Série Relatórios Metodológicos) Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101676.pdf>

JÚNIOR, C. P. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

LINO, C. F.; AMARAL, M. M. **Mata Atlântica e Sociobiodiversidade**: Desafios e caminhos para sustentabilidade. São Paulo: IA-RBMA, 2018.

MARQUES, M. C. M. *et al.* mata atlântica: O desafio de transformar um passado de devastação em um futuro de conhecimento e conservação. *In*: PEIXOTO, A. L.; LUZ, J. R. P.; BRITO, M. A. (org.). **Conhecendo a biodiversidade**. Brasília: MCTIC, CNPq, PPBio, 2016. p. 51-67.

MORAES, C. R. L. **Diversidade frutífera da UFRPE SEDE**. 2021. Relatório de Estágio supervisionado (Trabalho de conclusão de Curso de Bacharelado em Gastronomia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

MORO, M. F., SOUZA, V. C., OLIVEIRA-FILHO, A. T. DE, QUEIROZ, L. P. DE, FRAGA, C. N. DE, RODAL, M. J. N., ARAÚJO, F. S. DE, & MARTINS, F. R. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia. **Acta Botanica Brasilica**, 26(4), 991-999, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/cBhXmyfPG33XPdfRxFWnyh/?format=pdf>

MOURA, F. B. P. **A Mata Atlântica em Alagoas**. Maceió/AL: Edufal, 2006.

NAVES, R. P. **Estrutura do componente arbóreo e da regeneração de áreas em processo de restauração com diferentes idades, comparadas a ecossistema de referência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2013.

PAGE, M. *et al.* Declaração PRISMA 2020: uma diretriz atualizada para publicação de revisões sistemáticas. **Revista Germinare**, n. 4, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13271469>.

PAULA, A.; SOARES, J. J. Estrutura horizontal de um trecho de Floresta Ombrófila Densa das terras baixas na Reserva Biológica de Sooretama, Linhares, ES. **Floresta**, Curitiba, v. 41, n. 2, p. 321-334, abr./jun. 2011.

PEREIRA, L. C. S. M. **Estrutura da paisagem e regeneração natural em reflorestamentos com espécies nativas da Mata Atlântica**. 2012, Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/5caddafb-9ea9-4657-b09c-58e46989e4bb/content>

PIMENTEL, D. J. O. **Análise espaço-temporal da relação restauração florestal e paisagem local**. 2021, Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

PINHEIRO, K. A. O.; CARVALHO, J. O. P.; QUANZ, B.; FRANCEZ, L. M. B.; Schwartz, G. Fitossociologia de uma área de preservação permanente no leste da Amazônia: indicação de espécies para recuperação de áreas alteradas. **FLORESTA**, Curitiba, PR, v. 37, n. 2, 2007.

PRATA, E. M. B.; ASSIS, M. A.; JOLY, C. A. Composição florística e estrutura da comunidade arbórea na transição da Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas -

Floresta Ombrófila Densa Submontana do Núcleo Picinguaba/PESM, Ubatuba, sudeste do Brasil. **Biota Neotrop**, 2011

RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA, D. A. S. **Fragmentação de ecossistemas**: causa, efeito sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas . Brasília : MMA/SBF, 2003.

RODRIGUES, G. S. S. C.; ROSS, J. L. S. **A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil**: perspectivas geográfica, histórica e ambiental. Uberlândia : EDUFU, 2020. Disponível em: <https://edufu.ufu.br/>

RODRIGUES, L. S. **A diversidade arbórea em uma paisagem florestal urbana**: efeitos dos estágios sucessionais e de perturbações antrópicas crônicas. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

ROMANO, I. S. **Cadeia produtiva da restauração ecológica: uma análise das espécies florestais produzidas no estado do Rio de Janeiro**. 2023, Monografia (Trabalho de conclusão de curso de Engenharia Florestal) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2023.

SCHNEIDER, G.; ROCHA, F. S. Levantamento florístico e fitossociológico do componente arbóreo de um fragmento de Floresta Estacional Decidual em São Miguel do Oeste, Santa Catarina. **Revista Biotemas**, 27 (2), 2014.

SILVA, G. S. C. **Espécies arbóreas exóticas: estrutura populacional na floresta atlântica do nordeste**. 2023, Monografia (Trabalho de conclusão de curso de Tecnologia em Gestão Ambiental) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, J. M.; MOURA, C. H. R. Análise da vegetação de um remanescente de Floresta Atlântica: subsídios para o projeto paisagístico. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, Recife, PE, v.9, n.1, 2020.

SILVA, I. Q. R. **Caracterização estrutural da vegetação de três fragmentos florestais expostos a diferentes perturbações antrópicas crônicas**. 2022, Monografia (Trabalho de conclusão de curso de Tecnologia em Gestão Ambiental) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Recife, 2022.

SILVA, L. B. **Traços funcionais de ambientes ciliar e não ciliar em mata atlântica**. 2022, Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SILVA, M. I. O. **Indicadores ecológicos e edáficos na avaliação de áreas ciliares em processo de restauração florestal**. 2021, Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

SOBRINHO, L. F. **Processos ecológicos em áreas de restauração florestal na zona da mata sul de pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SHAFFER, W. B.; PROCHNOW, M. Mata Atlântica: os vários ciclos de destruição. *in*: SCHAFFER, W. B.; PROCHNOW, M. **A Mata Atlântica e você**: como preservar, recuperar e beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira. Brasília - DF: APREMAVI. 2002.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Observando os Rios 2024**: O retrato da qualidade da água nas bacias hidrográficas da Mata Atlântica. São Paulo : SOS Mata Atlântica, 2024.

SOS MATA ATLÂNTICA. **AQUI TEM MATA ?**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, v. 2, p.37, 2021a. Disponível em: <https://cms.sosma.org.br/wp-content/uploads/2021/05/aquitemmata2021V6.pdf>

SOS MATA ATLÂNTICA. **Relatório anual 2021**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2021b. 45 p. Disponível em: https://cms.sosma.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Relatorio_21_julho.pdf

TABOADA, J. K. MIRANDA, T. M.; MELLO, R. S. P.; COELHO-DE-SOUZA, G. Usos e conservação de espécies e ecossistemas nativos para o fortalecimento da sociobiodiversidade no território do PAN Lagoas do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, v. 17, n. 3, 2022.

YOUNG, C. E. F. Causas socioeconômicas do desmatamento da Mata Atlântica brasileira. *In*: GALINDO-LEAL, C; CÂMARA, I. G. **Mata Atlântica** : biodiversidade, ameaças e perspectiva. Belo Horizonte, Fundação SOS Mata Atlântica, 2005. Capítulo 10, pag. 103 - 118.

ZIPPARRO, V. A.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABBIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento florístico de floresta atlântica no sul do estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. **Biota Neotropica**, v5 (n1), 2005

ANEXOS

Anexo 1 – Trabalhos selecionados para construção do banco de dados

Autor	Município	Amostragem
Almeida, 2021	Goiana (Usina São José e Estação Experimental do IPA)	45 parcelas de 10 x 10 m
Almeida, 2021b	Jardim Botânico do Recife (JBR), Recife	40 parcelas de 10 m x 25 m
Cola et al., 2019	Paulista (Mata do Ronca)	20 parcelas de 10 x 20 m
Cola et al., 2020	Moreno	15 parcela de 10 m x 20 m
Pimentel, 2021	Cabo de Santo Agostinho	60 parcelas de 250 m2
Rodrigues, 2019	Parque Estadual de Dois Irmãos, Recife	10 parcelas de 250 m
Silva e Moura, 2021	Goiana (além da área da Fábrica da Jeep - Fiat Chrysler Automobiles)	30 parcelas de 10 x 20m
Silva et al., 2019	Jaboatão dos Guararapes (Mata da Manassu)	40 parcelas de 10 m x 10 m
Silva, 2021	Usina Trapiche, Sirinhaém	20 parcelas de 10 m x 25 m
Silva, 2022	Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes e Moreno (Refúgio de Vida Silvestre Matas do Sistema Gurjaú)	6 parcelas de 20x5m (arborea) e 6 subparcelas de 5x5m (regenerantes)
Silva, 2022b	Engenho Buranhém, Sirinhaém	20 parcelas de 10 m x 25 m
Sobrinho, 2019	Usina Trapiche, Sirinhaém	20 parcelas de 10 m x 25 m

Fonte: Autor, 2025

ANEXOS

Anexo 2 – Espécies Arbóreas listadas nos trabalhos selecionados ocorridos na floresta ombrófila de Pernambuco

Zoo = Zoocórica; Ane = Anemocórica; Aut = Autocórica; ND= Não determinado; P= Pioneira; Si = Secundária inicial; St = Secundária tardia; Sc= Sem categoria; N = Nativa; E = Exótica; NI = Não Informado.

Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	N	P	Zoo
	<i>Mangifera indica</i> L.	E	P	Zoo
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	N	St	Ane
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	N	P	Zoo
	<i>Spondias mombin</i> L.	N	P	Zoo
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	N	P	Zoo
	<i>Thyrsodium spruceanum</i> Benth.	N	Si	Zoo
Annonaceae	<i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague & Sandwith	N	St	Ane
	<i>Annona glabra</i> L.	N	P	Zoo
	<i>Annona montana</i> Macfad.	N	Si	Zoo
	<i>Annona salzmannii</i> A.DC.	N	P	Zoo
	<i>Cymbopetalum brasiliense</i> (Vell.) Benth.	N	Sc	ND
	<i>Guatteria australis</i> A. St.-Hill	N	Si	Zoo
	<i>Guatteria pogonopus</i> Mart.	N	St	Zoo
	<i>Guatteria schomburgkiana</i> Mart.	N	St	Zoo
	<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	N	P	Zoo
Apocynaceae	<i>Aspidosperma discolor</i> A. DC.	N	Si	Ane
	<i>Aspidosperma spruceanum</i> Benth.	N	St	Ane

Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Apocynaceae	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson	N	Si	Ane
	<i>Himatanthus phagedaenicus</i> (Mart.) Woodson	N	Si	Ane
	<i>Tabernaemontana flavicans</i> Willd.	N	St	ND
	<i>Tabernaemontana salzmännii</i> A. DC.	N	St	Zoo
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin	N	Si	Zoo
Aquifoliaceae	<i>Ilex sapotifolia</i> Reissek	N	Sc	Zoo
Bignoniaceae	<i>Handroanthus cf. serratifolius</i> (Vahl) S.Grose	N	Si	Ane
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	N	St	Ane
	<i>Handroanthus aurea</i> Benth. & Hook.f.	N	Si	Ane
	<i>Tabebuia rosea</i> (Bertol.) DC.	E	St	Ane
	<i>Tabebuia stenocalyx</i> Sprague & Stapf	N	Sc	Ane
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	N	P	Zoo
Boraginaceae	<i>Cordia bicolor</i> A. DC.	N	St	Zoo
	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	N	Si	Zoo
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	N	Si	Zoo
	<i>Cordia superba</i> Cham.	N	P	Zoo
Burseraceae	<i>Crepidospermum atlanticum</i> Daly	NI	Si	Zoo
	<i>Protium aracouchini</i> (Aubl.) Marchand	N	St	Zoo
	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	N	St	Zoo
	<i>Protium giganteum</i> Engl.	N	Si	Zoo
Calophyllaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	N	Si	Zoo
	<i>Caraipa densifolia</i> Mart.	N	Si	Ane
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	N	P	Zoo

Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Caryocaraceae	<i>Caryocar edule</i> Casar.	N	St	Zoo
Celastraceae	<i>Maytenus distichophylla</i> Mart.	NI	St	ND
	<i>Maytenus obtusifolia</i> Mart.	NI	Sc	Zoo
	<i>Monteverdia distichophylla</i> (Mart. ex Reissek) Biral	N	P	Zoo
Chrysobalanaceae	<i>Couepia rufa</i> Ducke	N	St	Zoo
	<i>Hirtella racemosa</i> Lam.	N	St	Zoo
	<i>Licania kunthiana</i> Hook. f.	N	St	Zoo
	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	N	Si	Zoo
	<i>Leptobalanus octandrus</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Sothers & Prance	N	Sc	ND
Clusiaceae	<i>Clusia paralicola</i> G. Mariz	N	Sc	ND
	<i>Clusia nemorosa</i> G.Mey.	N	Si	Zoo
	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	N	St	Zoo
	<i>Symphonia globulifera</i> L. f.	N	St	Zoo
	<i>Tovomita brevistaminea</i> Engl.	N	St	Zoo
	<i>Tovomita mangle</i> G. Mariz	N	Si	Zoo
Combretaceae	<i>Buchenavia tetrphylla</i> (Aubl.) R.A. Howard	NI	Si	ND
	<i>Terminalia catappa</i> L..	E	Sc	Zoo
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea garckeana</i> K.Schum.	N	Si	Aut
	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth	N	St	Zoo
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum citrifolium</i> A. St.-Hil.	N	St	Zoo
	<i>Erythroxylum mucronatum</i> Benth.	N	St	Zoo
	<i>Erythroxylum squamatum</i> Sw.	N	St	ND
	<i>Erythroxylum passerinum</i> Mart.	N	Sc	Zoo

Euphorbiaceae	<i>Aparisthmium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.	N	P	Aut
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg.	N	St	Aut
	<i>Mabea fistulifera</i> Mart.	N	P	Zoo
	<i>Mabea piriri</i> Aubl.	N	Pi	Aut
	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	N	Si	Aut
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	N	Si	Zoo
	<i>Senefeldera verticillata</i> (Vell.) Croizat	N	Sc	
Fabaceae	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	N	P	Zoo
	<i>Abarema filamentosa</i> (Benth.) Pittier	N	Si	Aut
	<i>Abarema turbinata</i> (Benth.) Barneby & J.W.Grimes	NI	Sc	ND
	<i>Acacia mangium</i> L.	E	P	Ane
	<i>Adenanthera pavonina</i> L.	E	Si	Zoo
	<i>Albizia pedicellaris</i> (DC.) L. Rico	N	P	Aut
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	N	P	Aut
	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	N	Si	Zoo
	<i>Andira legalis</i> (Vell.) Toledo	N	Si	Zoo
	<i>Andira nitida</i> Mart.	N	Sc	Zoo
	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	N	Si	Ane
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	N	P	Ane
	<i>Cassia grandis</i> L.f.	N	Si	Aut

	<i>Chamaecrista apoucouita</i> (Aubl.) H.S.Irwin & Barneby	E	Si	Aut
	<i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H.S.Irwin & Barneby	N	Si	Aut
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A.Howard	N	Si	Aut
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	N	St	Zoo
	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	N	St	Zoo
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	N	P	Zoo
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	N	St	Zoo
	<i>Hymenaea rubriflora</i> Ducke	N	St	Zoo
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	N	Si	Zoo
	<i>Inga blanchetiana</i> Benth.	N	Si	Zoo
	<i>Inga capitata</i> Desv.	N	P	Zoo
	<i>Inga cayennensis</i> Sagot	N	Sc	Zoo
Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	N	P	Zoo
	<i>Inga flagelliformis</i> (Vell.) Mart.	N	St	Zoo
	<i>Inga ingoides</i> (Rich.) Willd.	N	P	Zoo
	<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	N	Si	Zoo
	<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	N	Si	Zoo
	<i>Inga striata</i> Benth.	N	P	Zoo
	<i>Inga subnuda</i> Salzm.	N	Sc	Zoo
	<i>Inga thibaudiana</i> DC.	N	Si	Zoo
	<i>Inga vera</i> Willd.	N	Si	Zoo

	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz var. <i>ferrea</i>	N	Si	Aut
	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	N	Sc	Ane
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
	<i>Machaerium condensatum</i> Kuhl. & Hoehne	N	Sc	ND
	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stellfeld	N	Si	Ane
	<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	N	P	Aut
	<i>Mimosa cf bimucronata</i> (DC.) Kuntze	N	P	Aut
	<i>Ormosia bahiensis</i> Monach.	N	Sc	ND
	<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) E. Gagnon, H.C. Lima & G.P.Lewis	N	St	Aut
	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth.	N	St	Aut
	<i>Plathymenia foliolosa</i> Benth.	NI	Si	Ane
Fabaceae	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	N	Si	Ane
	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl	N	Si	Ane
	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel	N	Sc	Ane
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	N	Sc	Aut
	<i>Samanea saman</i> (Jacq.) Merr.	E	Si	Aut
	<i>Sclerolobium densiflorum</i> Benth.	N	St	Aut
	<i>Swartzia dipetala</i> Willd.	N	Sc	ND
	<i>Swartzia pickelii</i> Killip	N	Si	Zoo
	<i>Tachigali densiflora</i> (Benth.) L. G. Silva & H. C. Lima	N	P	Ane
	<i>Tachigali vulgaris</i> L.G.Silva & H.C. Lima	N	Sc	ND

	<i>Trischidium molle</i> (Benth.) H.E. Ireland	N	Sc	ND
	<i>Zygia cauliflora</i> (Willd.) Killip	NI	Sc	ND
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Humiriaceae	<i>Sacoglottis mattogrossensis</i> Malme	N	Si	Zoo
Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	N	P	Zoo
Lacistemataceae	<i>Lacistema robustum</i> Schnizl.	N	Si	Zoo
Lamiaceae	<i>Aegiphila pernambucensis</i> Moldenke	N	P	Zoo
	<i>Vitex rufescens</i> A. Juss.	N	Sc	Zoo
Lauraceae	<i>Nectandra cuspidata</i> Nees	N	St	Zoo
	<i>Ocotea brachybotrya</i> (Meisn.) Mez	N	Sc	Zoo
	<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	N	P	ND
	<i>Ocotea divaricata</i> (Nees) Mez	N	St	Zoo
	<i>Ocotea glauca</i> (Nees) Mez	N	Sc	ND
	<i>Ocotea gardneri</i> (Meisn.) Mez	N	Si	Zoo
	<i>Ocotea glomerata</i> (Nees) Mez	N	St	Zoo
	<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	N	P	Zoo
	<i>Ocotea limae</i> Vattimo-Gil	N	Sc	ND
	<i>Ocotea longifolia</i> Kunth	N	Si	Zoo
	<i>Ocotea notata</i> (Nees & Mart.) Mez	N	St	Zoo
	<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	N	Si	Zoo
Lecythidaceae	<i>Eschweilera alvimii</i> S.A. Mori	N	Sc	ND
	<i>Eschweilera apiculata</i> (Miers) A.C. Sm.	N	Sc	ND
	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart	N	St	Zoo
	<i>Gustavia augusta</i> L.	N	Sc	ND
	<i>Lecythis lurida</i> (Miers) S. A. Mori	N	St	Aut
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	N	Si	Aut

Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	N	P	Zoo
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	N	Sc	ND
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Malvaceae	<i>Apeiba albiflora</i> Ducke	N	Sc	ND
	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	N	P	Zoo
	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	N	Si	Ane
	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum.) A. Robyns	N	St	Ane
	<i>Eriotheca macrophylla</i> (K. Schum.) A. Robyns	N	Si	ND
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	N	P	Zoo
	<i>Luehea ochrophylla</i> Mart.	N	Si	Ane
	<i>Luehea paniculata</i> Mart. & Zucc.	N	P	Ane
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	N	P	Aut
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	N	Sc	Aut
	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.	N	Si	Zoo
	<i>Miconia affinis</i> DC	N	P	Zoo
	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	N	P	Zoo
	<i>Miconia amacurensis</i> Wurdack DC.	N	Sc	ND
	<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.	N	Sc	ND
	<i>Miconia cuspidata</i> Naudin	N	Sc	ND
	<i>Miconia hypoleuca</i> (Benth.) Triana	N	Si	Zoo
	<i>Miconia lepidota</i> DC.	N	Sc	ND
	<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	N	Si	Zoo
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	N	P	Zoo
	<i>Miconia pyrifolia</i> Naudin	N	Si	Zoo
	<i>Miconia tomentosa</i> (Rich.) D. Don	N	Si	Zoo
	<i>Mouriri guianensis</i> Aubl.	N	P	Zoo
Meliaceae	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	N	St	Zoo

	<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	N	Sc	ND
	<i>Trichilia lepidota</i> Mart.	N	St	Zoo
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	E	Si	Aut
	<i>Brosimum discolor</i> Schott	NI	Sc	Zoo
	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	N	Si	Zoo
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	N	St	Zoo
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	N	St	Zoo
	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby	N	Si	Zoo
Myristicaceae	<i>Viola gardneri</i> (A. DC.) Warb.	N	St	Zoo
	<i>Viola oleifera</i> (Schott) A.C.Sm.	N	Si	Zoo
Myrtaceae	<i>Calypttranthes brasiliensis</i> Spreng.	NI	Sc	Zoo
	<i>Campomanesia aromatica</i> (Aubl.) Griseb.	N	Si	Zoo
	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O. Berg) Mattos	N	St	Zoo
	<i>Eugenia candolleana</i> DC.	N	St	Zoo
	<i>Eugenia hirta</i> O. Berg.	N	Sc	ND
	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.	N	P	Zoo
	<i>Eugenia tumescens</i> B.S. Amorim & M. Alves	N	Sc	ND
	<i>Eugenia umbrosa</i> O. Berg	N	Si	Zoo
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	N	St	Zoo
	<i>Myrcia bergiana</i> O. Berg	N	Si	Zoo
	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	N	St	Zoo
	<i>Myrcia racemosa</i> (O.Berg) Kiaersk.	N	St	Zoo

	<i>Myrcia silvatica</i> (G. Mey.) DC.		Sc	ND
	<i>Myrcia spectabilis</i> DC.	N	Si	Zoo
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	N	St	Zoo
	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	N	St	Zoo
	<i>Psidium guajava</i> L.	E	P	Zoo
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	N	P	Zoo
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) skeels	E	P	Zoo
Nyctaginaceae	<i>Guapira laxa</i> (Netto) Furlan	N	Sc	ND
	<i>Guapira nitida</i> (Mart. ex J.A.Schmidt) Lundell	N	Sc	ND
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	N	Si	Zoo
Ochnaceae	<i>Ouratea castaneifolia</i> (DC.) Engl.	N	St	Zoo
	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill.	N	Sc	Zoo
	<i>Ouratea polygyna</i> Engl.	N	Si	Zoo
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	N	Sc	ND
Peraceae	<i>Chaetocarpus echinocarpus</i> (Baill.) Ducke	N	Sc	ND
	<i>Chaetocarpus myrsinites</i> Baill.	N	Sc	ND
	<i>Pera ferruginea</i> (Schott) Müll.Arg.	NI	Si	Zoo
	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Baill.	N	Si	Zoo
	<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers	N	St	Aut
Phyllanthaceae	<i>Hyeronima alchorneoides</i> Allemão	N	Si	Zoo
	<i>Hyeronima oblonga</i> (Tul.) Müll. Arg.	NI	Sc	ND
	<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.	N	Si	Zoo

	<i>Richeria grandis</i> Vahl	N	Sc	ND
Picramniaceae	<i>Picramnia gardneri</i> Planch.	N	Sc	ND
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Polygonaceae	<i>Coccoloba latifolia</i> Lam.	N	Sc	ND
	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.	N	P	Zoo
	<i>Coccoloba parimensis</i> Benth.	N	Sc	ND
	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	N	Si	Ane
Primulaceae	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	N	P	Zoo
	<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	NI	Sc	ND
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	N	Si	Ane
Rhamnaceae	<i>Colubrina glandulosa</i> Perkins	N	Si	Aut
Rubiaceae	<i>Alseis floribunda</i> Schott	N	St	Aut
	<i>Alseis pickelii</i> Pilg. & Schmale	N	Si	Ane
	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	N	Si	Zoo
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	N	Si	Ane
	<i>Genipa americana</i> L.	N	St	Zoo
	<i>Palicourea marcgravii</i> A.St.-Hil.	N	Sc	ND
	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	N	Si	Zoo
	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	N	P	Zoo
Rutaceae	<i>Rudgea umbrosa</i> Müll.Arg.	N	Sc	ND
	<i>Hortia brasiliana</i> Vand.	N	Sc	ND
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	N	P	Zoo
Salicaceae	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	N	Sc	ND
	<i>Casearia javitensis</i> Kunth	N	Si	Zoo
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	N	P	Zoo

Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil. et al.) Hieron.	N	P	Zoo
	<i>Cupania impressinervia</i> Acev.-Rodr.	N	Si	Zoo
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Sapindaceae	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	N	Si	Zoo
	<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.	N	Si	Zoo
	<i>Cupania revoluta</i> Radlk.	N	Si	Zoo
	<i>Sapindus saponaria</i> L.	N	P	Zoo
	<i>Serjania marginata</i> Casar.	N	Sc	ND
	<i>Talisia coriacea</i> Radlk.	N	St	ND
	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	N	Si	Zoo
	<i>Talisia macrophylla</i> (Mart.) Radlk.	N	Sc	ND
	<i>Talisia retusa</i> R.S. Cowan	N	Sc	Zoo
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum splendens</i> Spreng.	N	Sc	ND
	<i>Diploon cuspidatum</i> (Hoehne) Cronquist	N	St	Zoo
	<i>Micropholis compta</i> Pierre in Urb	NI	Sc	ND
	<i>Micropholis gardneriana</i> (A. DC.) Pierre	N	St	Zoo
	<i>Manilkara salzmannii</i> (A. DC.) H. J. Lam	N	St	Zoo
	<i>Pouteria bangii</i> (Rusby) T. D. Penn.	N	Si	Zoo
	<i>Pouteria durlandii</i> (Standl.) Baehni	N	St	Zoo
	<i>Pouteria gardneri</i> (Mart. & Miq.) Baehni	N	St	Zoo
	<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.)	N	Sc	Zoo
	<i>Pouteria grandiflora</i> (A.DC.) Baehni	N	Si	Zoo

	<i>Pouteria nordestinensis</i> Alves-Araújo & M. Alves	N	Sc	ND
	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk	N	Si	Zoo
Família	Espécie	Origem	Grupo ecológico	Síndrome de dispersão
Sapotaceae	<i>Pouteria peduncularis</i> Mart. & Eichler	NI	Sc	ND
	<i>Pouteria venosa</i> (Mart.) Baehni	N	Sc	Zoo
	<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk	N	St	Zoo
	<i>Sarcaulus brasiliensis</i> (A. DC.) Eyma	N	Sc	ND
Schoepfiaceae	<i>Schoepfia brasiliensis</i> A. DC.	N	St	Zoo
Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	N	Si	Zoo
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	N	Si	Zoo
Stemonuraceae	<i>Discophora guianensis</i> Miers.	N	Si	ND
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	N	P	Zoo
	<i>Pourouma acutiflora</i> Trécul	NI	St	Zoo
	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	N	P	Zoo
Verbenaceae	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.	N	P	Zoo
	<i>Citharexylum pernambucense</i> Moldenke	N	Sc	ND
Violaceae	<i>Paypayrola blanchetiana</i> Tul	N	Si	ND
	<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	N	St	Ane